

CARACTERIZAÇÃO DO SILL VÁRZEA DO MACACO E DA MINERALIZAÇÃO DE CROMO E NÍQUEL-COBRE, COMPLEXO MÁFICO-ULTRAMÁFICO JACURICI, BAHIA.

João Rodrigo Vargas Pilla Dias¹, Juliana Charão Marques¹, José Carlos Frantz¹, Ronei Giusti¹

¹ Instituto de Geociências da UFRGS

RESUMO: Na parte NE do Cráton São Francisco está localizado o Complexo Máfico-ultramáfico Jacurici, formado por diversos corpos acamadados orientados na direção N-S, e que hospeda o maior depósito de cromita do país (mais de 30 Mt) atualmente explorado pela Companhia de Mineração Vale do Jacurici S/A. Este Complexo é melhor conhecido na porção centro-sul, onde Marques & Ferreira Filho (2003) e Marques *et al.* (2003) estabeleceram a estratigrafia e a evolução petrológica dos corpos Ipueira-Medrado. Ao norte desta área, ocorre outro corpo máfico-ultramáfico chamado de Várzea do Macaco que, além da mineralização de cromo, hospeda também uma mineralização sulfetada de Ni-Cu. Este estudo objetiva caracterizar o corpo Várzea do Macaco e investigar com mais detalhe a mineralização sulfetada, buscando comparar tanto a estratigrafia quanto a evolução magmática com os corpos mais ao sul. A presença de cromitito maciço e estratigrafia aparentemente similar em ambos os corpos sugere que todos pertençam a uma mesma intrusão, atualmente desmembrada tectonicamente. O corpo Várzea do Macaco está estratigraficamente invertido e segmentado em cinco blocos deslocados lateralmente por falhamentos tardios. É composto por harzburgitos, lherzolitos e piroxenitos com serpentinização variada e, comparativamente a Ipueira-Medrado, apresenta enriquecimento em clinopiroxênio e maior grau de deformação. Veios e vênulas com carbonato e flogopita ocorrem localmente, cortam texturas primárias e remobilizam a mineralização (Marques *et al.* 2005). Dados de química mineral estão sendo obtidos para investigar a variação críptica de olivina e piroxênio ao longo da evolução do corpo e monitorar os eventuais pulsos magmáticos com o objetivo de comparar com os já definidos para Ipueira-Medrado. Ainda, particularmente importante, estão sendo observados os teores de Ni na olivina a fim de investigar o possível momento de saturação de enxofre e captura de Ni no sistema. Em Ipueira-Medrado, onde não há sulfetação, os teores de Ni permanecem altos na olivina ao longo de toda a estratigrafia (Marques & Ferreira-Filho 2003). Quanto ao minério sulfetado, este é constituído essencialmente por pirrotita, pentlandita e quantidades subordinadas de calcopirita em duas situações distintas. Uma com controle claramente primário, com texturas magmáticas preservadas onde sulfetos disseminados ocorrem associados a olivina e piroxênio, em grãos que variam de finos a grossos e constituindo concentrações de até 50% de sulfetos. E uma segunda situação, na qual sulfetos remobilizados ocorrem associados a zonas metassomáticas e vênulas, formando lentes e *patches* de sulfetos maciços que cortam o acamadamento primário. A mineralização sulfetada parece ter um aumento na razão Cu/Ni quando remobilizada, com maior abundância de calcopirita na paragênese.

PALAVRAS CHAVE: JACURICI, SULFETO, CARACTERIZAÇÃO DE MINÉRIO

REFERÊNCIAS:

- Marques & Ferreira Filho, 2003. *Econ. Geol.* v.98, p. 87-108.
Marques *et al.*, 2003. *JPetrol* v. 44, p. 659-678.
Marques *et al.*, 2005. Anais Simp. Bras. Metalogenia.